

A C

A C E

C N F

1 5 5 7 8 / 8 1

1 / 1

CONFIDENCIAL

SC-1 1187/81

1

403

[Handwritten signature]

INFORME Nº **0397** -A/30/AC/81

015578

81

DATA : 19 MAI 81
ASSUNTO : BOMBAS NO RIOCENTRO.
REFERÊNCIA :
ORIGEM : SC-3
AVALIAÇÃO : A-1
DIFUSÃO : SC-1 - CH/SNI
ANEXO : CÓPIA DO PRONUNCIAMENTO DO DEP. MARCUS CUNHA.

Anexo, pronunciamento do Dep. MARCUS CUNHA (PMDB/PE), realizado em 15 MAI 81, no grande expediente da CÂMARA DOS DEPUTADOS, tecendo severas críticas ao Governo devido o comportamento das autoridades em relação aos atentados à bomba, no RIOCENTRO.

PARA DIFUSÃO EXTERNA,
ESTE DOCUMENTO DEVERÁ *
SER SEU TEXTO DESCARAC-
TERIZADO. *

CONFIDENCIAL



CÂMARA DOS DEPUTADOS

015578 0 81

2

Deputado MARCUS CUNHA

PMDB-PE

15.5.1981

GRANDE EXPEDIENTE

Senhor Presidente,

Senhores Deputados:

Grave, muito grave, é a situação nacional. Grave e dramática. E ninguém, neste País, desde o Presidente da República até o mais humilde dos brasileiros, a não ser por irresponsabilidade ou má fé, poderá negar a evidência de uma profunda crise.

Vemos hoje uma Nação intranquila, desarvorada, sem liderança, tensa, mergulhada num estado de dúvidas e incertezas, profundamente magoada, desanimada e perdida. A ação criminosa das bombas terroristas, escudando-se na certeza da impunidade, compromete seriamente a segurança nacional. A exploração das nossas riquezas estratégicas por empresas estrangeiras, bem como a ocupação de vastas áreas do território brasileiro pelas multinacio -



nais, nos fazem correr o risco de perdermos nossa soberania política pela dependência econômica.

A inflação, o desemprego, o aumento do custo de vida, a fome e a miséria, os desequilíbrios regionais, a falta de segurança nos negócios, o crescimento da dívida externa, a diminuição da produção, o sentimento generalizado de que o governo não governa, não sabe mais o que fazer, não tem uma segura diretriz para os campos econômico e político, tudo isso leva o País à perplexidade, resultando a Nação parada, imobilizada, esperando que alguma coisa aconteça. Entretanto, hoje no Brasil, nenhuma autoridade, membros do governo ou da oposição, jornalistas, sociólogos, historiadores, analistas, profissionais liberais, militares, trabalhadores e empresários, enfim, ninguém, nenhuma classe ou segmento da sociedade, será capaz de fazer, com relativa segurança, uma previsão do que irá ocorrer hoje, logo mais, dentro de poucas horas, amanhã, depois de amanhã.

E dentro desta inquestionável realidade, o que sucede? O Presidente da República vi



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Fls.3

aja ao exterior. Não pode haver interesse maior que justifique a viagem do Presidente, nesta hora tão crucial, difícil, medonha, que inquieta o grande e sofrido povo brasileiro. Não pode Sua Excelência - não tem o direito -, tal qual um novo doutor Pangloss, dar a entender que "tudo vai bem no melhor dos mundos", quando os fatos estão a mostrar a profunda seriedade de uma crise que poderá nos conduzir ao caos definitivo.

O mais perturbador é que, à ação irresponsável dos que jogam bombas, junta-se o radicalismo ideológico de direita e de esquerda, e mais, as vozes antipatrióticas daqueles que desejam dividir a Nação em dois compartimentos estanques: de um lado as Forças Armadas, de outro lado a Sociedade Civil. Pois outro não foi o sentido da nota com que o Presidente respondeu a manifestação de apoio das oposições, no caso do combate ao terrorismo, senão o resultado de uma interpretação cavilosa, de que se desejava separar o governo dos militares. Na verdade, a oposição consequente e séria jamais pensaria em exercer uma atuação tão deletéria e contrária



aos legítimos interesses nacionais. Com certeza, o que a oposição patriótica deseja, é unir civis e militares em torno dos autênticos objetivos permanentes da pátria brasileira.

A oposição entende ser preciso, mais do que nunca, buscar a verdadeira unidade nacional. O único ponto de apoio que temos, num momento histórico em que perdemos quase tudo, é a nossa identidade de Nação. Por isso, é absolutamente necessário preservar a boa imagem que as Forças Armadas sempre tiveram perante o povo.

Desse modo, se impõe a coragem de falar muito francamente, até por amor ao Brasil, que a impunidade dos terroristas poderá afetar a imagem das Forças Armadas. E por que? Porque o que houve no Rio-Centro foi um acidente de trabalho. Todos os brasileiros estão convencidos disso. Não haverá versão, por mais bem urdida que seja, capaz de desmentir o fato. E não haverá fato novo, por mais sutilmente engendrado, que faça desa-



parecer a verdade cristalina do acontecimento terrorista
do Rio-Centro.

O DOI-CODI, órgão de repressão enquis
tado infelizmente dentro do Exército, preparou uma opera -
ção terrorista com a finalidade de facilitar a escalada
da direita no Brasil. Houve, então, um acidente de traba-
lho, o qual, possivelmente, salvou a vida de centenas de
inocentes brasileiros.

Há um detalhe importante: O SARGENTO
E O CAPITÃO, ENCARREGADOS DA OPERAÇÃO, NÃO ESTAVAM FARDA-
DOS, MAS EM TRAJOS CIVIS. PARECE UM DETALHE SEM IMPORTÂN-
CIA, MAS NÃO É. SE ESTIVESSEM EM MISSÃO DA INSTITUIÇÃO
PERMANENTE QUE É O EXÉRCITO BRASILEIRO, AQUELES DOIS MILI
TARES SE APRESENTARIAM FARDADOS. ISTO DEMONSTRA, EVIDENTE
MENTE, QUE NÃO AGIAM EM NOME DO EXÉRCITO. PRATICAVAM UMA A
ÇÃO MARGINAL, INDECOROSA. POR ISSO NÃO USAVAM FARDAS. NÃO
PODIAM CONSPURCAR A INSTITUIÇÃO MILITAR. SE O GENERAL CO -
MANDANTE DO PRIMEIRO EXÉRCITO, DESEJOU PROTEGER OS SEUS CO



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Fls. 6

MANDADOS, QUANDO DECLAROU QUE ELES SE ENCONTRAVAM EM MISSÃO,
ERROU. AGIU COM O CORAÇÃO DO CHEFE AMIGO, COM A BONDADÉ DO CO
MANDANTE QUE NÃO SOUBE FAZER JUSTIÇA.

A NAÇÃO INTEIRA NÃO PODE PAGAR, SOFRER, PA
DECER, CAIR NA INTRANQUILIDADE, POR CAUSA DA INCONSEQUENCIA DE
UNS POUÇOS.

PORTANTO, ESTÁ NA HORA DOS GRANDES GESTOS:
QUEM ERROU CONFESSE O SEU ERRO; QUEM NÃO FALOU, FALE; QUEM NÃO
DISSE, DIGA; QUEM NÃO AGIU, AJA. O QUE NÃO É POSSÍVEL É COMPRO
METER O NOSSO FUTURO, O ~~AGENCI~~ ^{PORVIR} DO BRASIL, A PAZ DE HOJE E DE
AMANHÃ, APENAS PRA PROTEGER, EM NOME DE UM DISTORCIDO CONCEITO
DE SOLIDARIEDADE, MEIA DÚZIA DE ASSASSINOS FANÁTICOS.

Estou dizendo tudo isso, com a autoridade de quem não vislumbra outra saída para a crise brasileira, a não ser através da unidade entre civis e militares, em torno de um projeto político de recuperação nacional, que restabeleça a dignidade do nosso povo, entregando a este a tarefa de de cidir soberanamente sobre os seus destinos.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Fls.7

A oposição não confunde as pessoas com as instituições. A Igreja não é o padre, o Parlamento não é o deputado ou senador, o Exército não é o militar. Mas assim como ao padre cabe zelar pela Igreja, é tarefa do militar e de todos os militares, zelar pelo bom nome e imagem da instituição.

Manifesto, novamente, a minha inquietação e angústia face o momento presente. Não sei como o General Presidente, João Batista Figueiredo, pode abandonar o Brasil numa hora dessa. Deixo aqui a apêlo desesperado de um deputado de oposição. E peço, sem desejar ser pretencioso, que os que puderem me escutar, meditem um pouco em cima das minhas sinceras preocupações.

F

I

M